

● ENTREVISTA

“Quero dar algo de volta à sociedade”

Kai Hagenbuch - presidente da Rotary Clube Funchal

ANDREIA CORREIA
andriac@dnoticias.pt

O empresário alemão Kai Hagenbuch tomou posse no início deste mês como presidente do Rotary Clube do Funchal.

Ao DIÁRIO, falou sobre os objectivos e desafios do seu mandato. Entre as suas prioridades estão o rejuvenescer do quadro de sócios e o desenvolvimento de projectos, como a parceria com o Clube Roma Pantheon, em Itália.

Tomou posse recentemente, o que o levou a aceitar este desafio? Na realidade, foram vários factores. O primeiro factor foi o facto de ter sido muito bem recebido na ilha. Cheguei aqui pela primeira vez há 8 anos e meio, como turista, num cruzeiro da AIDA.

Fiquei um dia e gostei de imediato, pois vivi 24 anos no Brasil, em São Paulo, e já falava português.

O que me espantou foi o facto de ser 6 de Fevereiro e estar um dia lindo, com 23 graus, sem nuvens e com sol. Isso no Inverno europeu. Vivíamos na Alemanha, onde é frio.

Tive contacto com o Rotary porque a minha irmã é rotária há muitos anos. O contacto foi no Brasil, mas nunca cheguei a entrar. Quando decidimos ter residência na Madeira, metade do ano, eu decidi aproximar-me dos rotários. Na altura, o presidente era o Edgar Aguiar.

Sempre trabalhei no ramo do designer gráfico. Quando conheci o Edgar, que era do mesmo ramo, o caminho foi sendo traçado para mim dentro do Rotary Clube do Funchal.

Faz pouco mais de três anos que eu conheci os rotários daqui, fui muito bem recebido e foi uma evolução lógica, diria eu. Ou seja, foi a aproximação ao clube, aliada à intenção de rejuvenescer um pouco o quadro e introduzir novas ideias relacionadas com a gestão. Fui, então, eleito com unanimidade.

Vai ser um desafio para mim, pois o legado deixado pelos grandes presidentes do Rotary Clube do Funchal - António Borges, Edgar Aguiar e o próprio João Paredes - é muito grande.

Assumo este cargo com humildade e, para mim, é um reconhecimento. Pretendo, de certa forma, retribuir à ilha da Madeira, pois eu fui muito bem recebido. Quero dar algo de volta à sociedade.

Quais são os principais objectivos e projectos para este mandato? Nós temos um grande projecto - aliás, são dois. O primeiro é a geminação com outro clube, o Roma Pantheon, que

é um dos mais antigos da Itália, com uma longa tradição. Conseguimos, então, assinar um protocolo de geminação com eles.

Através desse protocolo, vamos fazer uma transferência de 'know-how' no tratamento de toxicodependentes, que este clube realiza através da Fundação Vila Maraini, em Roma, ligada à Cruz Vermelha.

O que pretendemos é adaptar esse projecto para as necessidades da Madeira, ou seja adaptar à realidade local.

Contactámos uma associação local chamada 'Regressar a Si e estamos, então, a começar a viabilizar esse projecto, dando os primeiros passos.

O outro projecto, que ainda está em fase embrionária, está relacionado com um sistema de combate a incêndios.

Quais são os desafios que se colocam aos rotários actualmente? A nível mundial, diria que é necessário rejuvenescer o quadro societário. Este é um grande desafio.

Por exemplo, na Inglaterra, na Grã-Bretanha, a idade média dos sócios fica acima dos 75 anos, apesar de não ser o caso em Portugal e também na Madeira, mas é um desafio atrair pessoas mais jovens. Queremos atrair novos membros através do desenvolvimento de projectos interessantes. Se o clube tiver projectos com visibilidade na sociedade, conseguiremos atrair pessoas mais jovens.

O Rotary tem um programa chamado 'Rotaract', destinado a pessoas mais novas. Entram numa idade mais nova no clube, não directamente no Rotary Clube, mas no 'Rotaract'. A partir daí, começam a participar em actividades e depois se tornam membros activos dos clubes. Portanto, o desafio é esse: rejuvenescer o quadro societário e atrair novos membros para o clube.

Como é que se consegue fazer com que os jovens sejam mais solidários? Eu não diria que se trata de jovens abaixo dos 30 anos, mas sim de pessoas abaixo dos 60 anos. São pessoas ainda economicamente activas, mas numa fase da preparação da reforma, que tenham tempo disponível para trabalhar activamente no clube. Esse é muito mais o público-alvo que eu enxergo. Também noto muito interesse de rotários internacionais que estão a mudar-se para a Ilha da Madeira.

Admitimos como novo membro um húngaro, que se mudou defini-



SE O CLUBE TIVER PROJECTOS COM VISIBILIDADE NA SOCIEDADE, CONSEGUIREMOS ATRAIR PESSOAS MAIS JOVENS

tivamente para cá. Este membro já era rotário na Hungria e, desde o dia 1 de Julho, tem residência fixa na Madeira. Há também uma americana que está para se mudar para cá, já é rotária nos Estados Unidos e vai juntar-se ao nosso clube no segundo semestre. Por isso, eu vejo muito movimento também de pessoas de fora, estrangeiras, que estão a fixar residência aqui ou passam mais tempo aqui, que se interessam pela actividade do clube.

Vamos ter um 'mix' de sócios - eu também sou estrangeiro - um misto de madeirenses, portugueses e pessoas estrangeiras. Aliás, o Rotary é um movimento internacional, não é nacional. A ilha tem muita visibilidade lá for e recebe um grande fluxo de pessoas do mundo inteiro.

Quantos sócios rotários tem o clube? Actualmente, temos 15 membros registados, mas no segundo semestre, teremos mais pessoas a entrar no clube.

Como é que percebe a acção rotária na Região? Com a covid, as actividades ficaram um pouco reduzidas, mas agora estamos a retomar essa fase pós-covid, para a plena visibilidade do Rotary Clube na sociedade.

Porque, historicamente, o Rotary Clube Funchal, que tem mais de 90 anos, sempre teve acções com muita visibilidade na sociedade e nós queremos retomar esse gancho.

Faz sentido a criação de clubes rotários e justifica-se esta acção? Acho que mais do que nunca, porque o objectivo é nobre. Temos, por exemplo, a nível mundial alguns países que estão em franco crescimento, principalmente na Ásia, que tem um crescimento muito grande e no leste europeu também.

A Europa continental está a estagnar um pouco, porém, por exemplo, a Alemanha tem um número crescente de sócios, Portugal está estável, Itália também muito activa como país. Então, como já referi, Inglaterra tem o problema da idade média ser muito elevada.

Acredito que o movimento rotário tem muita aceitação e faz muitas acções interessantes. Por exemplo, o Rotary Internacional tem um protocolo assinado com a Fundação Bill Gates, a Melinda Bill Gates, e cada dólar investido pelo Rotary Internacional é complementado por dois dólares da Fundação Gates. Recentemente, foi realizada uma campanha de vacinação de pólio na Faixa de Gaza, que tem problemas muito graves, de qualidade de água e de doenças que aparecem por causa desse conflito terrível.

Diria que poucas pessoas sabem o que o Rotary faz e realmente é uma roda dentada que engrena, e que em todos os países acontecem várias iniciativas, que são chamadas 'best practices', por isso nós fizemos a geminação com o Clube de Roma, o Pantheon, para justamente aprender com eles o que pode ser feito, o que pode ser adaptado à necessidade local. A ideia é precisamente dinamizar essa visibilidade na sociedade.

É 100% viável, nós acreditamos muito no 'United for Good', esse é o lema do ano, 'Unidos pelo bem'. Temos de sair de eventos um pouco mais fechados para novamente dar visibilidade no clube.

Como é que as pessoas que estão interessadas podem pertencer ao clube? Basicamente, fazemos o boca a boca. Temos a nossa rede de contactos, conversamos com eles e organizamos uma vez por mês um jantar palestra com palestrantes muito interessantes. Este tipo de evento, o jantar palestra, atrai muitas pessoas que vêm como convidadas e ficam a conhecer as actividades do clube.

Quando é que é o próximo jantar? Já tem a data marcada? Tem, dia 13 de Setembro. O jantar é sempre no Meliã, a nossa sede fica lá e temos uma sala separada para o jantar do Rotary.



Kai Hagenbuch revela projecto de geminação com um clube de Itália.
FOTO DR